

São aqueles que repetiriam o passado que devem controlar o ensino da História.

— Coda Bene Gesserit

Quando o gholá bebé nasceu, do primeiro tanque axlotl das Bene Gesserit, a Madre Superiora Darwi Odrade deu ordens para que se celebrasse com discrição na sua sala de jantar privada, no piso superior da Central. O dia ainda mal despontara, e as outras duas Irmãs membros do Conselho — Tamalane e Bellonda — mostraram-se impacientes com a convocação, apesar de Odrade ter pedido que o pequeno-almoço fosse servido pela sua cozinheira pessoal.

— Não são todas as mulheres que têm oportunidade de presidir ao nascimento do próprio pai — brincou Odrade, quando as outras se queixaram de ter demasiado que fazer para se darem ao luxo de estar com «perdas de tempo disparatadas».

Apenas Tamalane, a mais velha, mostrou um ar dissimulado de divertimento.

Bellonda não alterou a habitual expressão das feições demasiado anafadas, que, nela, era frequentemente um sobrolho carregado.

Seria possível, interrogou-se Odrade, que Bell ainda não tivesse exorcizado em si o ressentimento pela relativa opulência que rodeava a Madre Superiora? Os aposentos de Odrade eram um sinal claro da sua posição, mas a distinção era mais representativa dos seus deveres do que de qualquer eventual elevação acima das Irmãs. A pequena sala de jantar permitia-lhe consultar as suas assessoras durante as horas das refeições.

Bellonda olhou de um lado para o outro, claramente impaciente por sair dali. Muito esforço fora despendido, infrutiferamente, numa tentativa de quebrar a carapaça de frieza e distância em Bellonda.

— Foi muito estranho ter aquele bebé nos braços e pensar: *Este é o meu pai* — disse Odrade.

— Ouvi à primeira! — A voz de Bellonda vinha-lhe do ventre, quase um ribombar de barítono, como se cada palavra lhe causasse uma leve indigestão.

Todavia, compreendia o gracejo irónico de Odrade. O velho Bashar Miles Teg fora, de facto, pai da Madre Superiora. E a própria Odrade recolhera as células (dentro das suas unhas) para cultivar aquele novo gholá, parte de um «plano de eventualidade» a longo prazo, no caso de conseguirem um dia vir a duplicar com êxito os tanques dos Tleilaxu. Bellonda, porém, mais depressa seria escorraçada das Bene Gesserit do que concordaria com o comentário de Odrade relativo ao equipamento vital da Irmandade.

— Considero que é frivolidade, neste momento — declarou Bellonda. — Aquelas mulheres loucas andam no nosso encaço, para nos exterminar, e a Madre Superiora quer celebrar!

Odrade conteve-se e falou em tom apazível, com algum esforço.

— Se as Honradas Matres nos encontrarem antes de estarmos prontas, talvez seja porque não conseguimos manter o ânimo.

O olhar silencioso, apontado aos olhos de Odrade, transmitia uma acusação frustrante: *Aquelas mulheres terríveis já exterminaram dezasseis dos nossos planetas!*

Odrade sabia que era errado pensar nesses planetas como propriedade das Bene Gesserit. A pouco firme confederação de governos planetários, que se formara após os Tempos da Fome e a Dispersão, dependia fortemente da Irmandade para serviços essenciais e comunicações fiáveis, mas persistiam ainda antigas fações — o CHOAM, a Guilda do Espaço, os Tleilaxu, resquícios dispersos do clero do Deus Dividido, até mesmo reservas das Oradoras Peixe e grupos cismáticos. O Deus Dividido legara à humanidade um império dividido — e todavia todas essas fações perdiam subitamente qualquer importância, perante os ataques violentos das Honradas Matres vindas da Dispersão. As Bene Gesserit — que conservavam a maior parte das antigas tradições — eram o alvo primordial natural para o ataque.

Os pensamentos de Bellonda nunca andavam longe da ameaça das Honradas Matres. Era uma fraqueza que Odrade reconhecia. Por vezes, Odrade hesitava, à beira de substituir Bellonda, mas mesmo nas Bene Gesserit havia fações, nesses dias, e ninguém podia negar que Bell era uma organizadora suprema. Os Arquivos nunca haviam sido mais eficientes do que sob a sua supervisão.

Tal como fazia frequentemente, sem sequer proferir as palavras, Bellonda conseguiu focar a atenção da Madre Superiora nas caçadoras

que as perseguiam com uma firmeza selvagem. Arruinou assim o estado de espírito de sereno sucesso que Odrade esperava alcançar nessa manhã.

Forçou-se a pensar no novo gholá. *Teg!* Se conseguissem restaurar-lhe as memórias originais, a Irmandade teria uma vez mais o melhor Bashar de sempre ao seu serviço. Um Bashar Mentat! Um génio militar cuja perícia era já lendária no Velho Império.

Mas poderia o próprio Teg ser-lhes útil contra aquelas mulheres regressadas da Dispersão?

*Por todos os deuses que haja, as Honradas Matres não podem encontrar-nos! Ainda não!*

Teg representava demasiadas incógnitas e possibilidades inquietantes. O período que antecederia a sua morte, aquando da destruição de Duna, estava envolto em mistério. *Ele fez alguma coisa em Gammu que inflamou a fúria desenfreada das Honradas Matres. O seu sacrifício em Duna não devia ter sido suficiente para desencadear uma reação de tamanha violência.* Havia rumores fragmentados dos seus dias em Gammu, antes do desastre de Duna. *Ele movia-se tão depressa que os olhos humanos não conseguiam segui-lo!* Tê-lo-ia mesmo feito? Mais um afloramento de capacidades inimagináveis nos genes dos Atreides? Mutação? Ou apenas outro aspeto do mito de Teg? A Irmandade precisava de o descobrir o mais depressa possível.

Uma acólita entrou com três pequenos-almoços e as irmãs comeram depressa, como se tivessem de pôr para trás das costas aquela interrupção sem mais delongas, pois era perigoso desperdiçar tempo.

Mesmo depois de as outras saírem, Odrade ficou ainda a sentir os efeitos dos receios mudos de Bellonda.

*E dos meus receios.*

Levantou-se e dirigiu-se para a grande janela que dava para os telhados mais baixos, e, além deles, para parte do círculo de pomares e pastos em torno da Central. Estava-se no final da primavera e começavam já a formar-se frutos lá adiante. *Renascimento. Um novo Teg nasceu hoje!* O pensamento não foi acompanhado por sentimentos de êxtase. Normalmente, a vista da janela retemperava-a, mas não nessa manhã.

*Quais são as minhas verdadeiras forças? Que factos possuo?*

Os recursos ao dispor de uma Madre Superiora eram formidáveis: profunda lealdade naqueles que a serviam, um braço militar sob o comando de um Bashar treinado por Teg (que se encontrava de momento muito longe dali, com uma grande parte das suas tropas, a proteger o

planeta-escola, Lampadas), artesãos e técnicos, espiões e agentes por todo o Velho Império, um sem-número de trabalhadores que esperavam que a Irmandade os protegesse das Honradas Matres, e todas as Reverendas Madres com Outras Memórias que remontavam à alvorada dos tempos.

Odrade sabia, sem falsas modéstias, que representava o pináculo de tudo o que era mais forte numa Reverenda Madre. Se as suas memórias pessoais não lhe fornecessem a informação necessária, tinha outras à sua volta para preencher as lacunas. E havia ainda dados guardados também em máquinas, embora admitisse a sua desconfiança inata quanto a esses.

Sentiu-se tentada a ir esquadrihar essas outras vidas que trazia consigo como memória secundária — essas camadas subterrâneas de consciência. Talvez conseguisse encontrar soluções brilhantes para o problema que tinham em mãos nas experiências de Outros. Era perigoso! Uma pessoa podia perder-se durante horas, fascinada pela multiplicidade de variações humanas. Era melhor deixar as Outras Memórias ali em equilíbrio, ao seu dispor para a elas recorrer ou prontas para intervir em caso de necessidade. Consciência de si mesma, era esse o esteio e o controlo que detinha sobre a própria identidade.

A bizarra metáfora mentat de Duncan Idaho ajudava.

*Consciência de si mesmo: encarar espelhos que se deslocam pelo universo, recolhendo novas imagens pelo caminho — eternamente reflexivos. O infinito visto como finito, o análogo de consciência que leva consigo os fragmentos pressentidos do infinito.*

Ela nunca ouvira palavras que se aproximassem tanto dessa consciência indizível que possuía. «Complexidade especializada», era como Idaho lhe chamava. «Recolhemos, montamos e refletimos os nossos sistemas de ordem.»

De facto, a convicção das Bene Gesserit era que os humanos eram vida concebida pela evolução com o objetivo de criar ordem.

*E de que forma é que isso nos ajuda contra estas mulheres desordeiras que nos perseguem? A que ramo da evolução pertencem elas? Será a evolução apenas outro nome para Deus?*

As Irmãs desdenhariam de tais «especulações inúteis».

Ainda assim, podia haver respostas na Outra Memória.

*Ahhh, como era sedutora a ideia!*

Como queria desesperadamente projetar o seu eu perseguido atual para identidades passadas e sentir como fora viver nessa altura. O pe-

rigo imediato dessa sedução enregelou-a. Sentiu a Outra Memória a forçar-lhe os limites da consciência. «*Foi assim!*» «*Não! Foi mais assim!*» Que sofreguidão. Tinha de selecionar cuidadosamente, animar o passado com discrição. E não era esse o objetivo da consciência, a própria essência da vida?

*Selecionar do passado e comparar com o presente: aprender as consequências.*

Era essa a visão de História das Bene Gesserit, as palavras do antigo Santayana a ecoar nas suas vidas: «*Aqueles que não recordam o passado estão condenados a repeti-lo.*»

Os edifícios na própria Central, o mais poderoso bastião das Bene Gesserit, refletiam essa atitude, para onde quer que Odrade olhasse. Usiforme era o conceito dominante. Pouca coisa no centro de trabalho das Bene Gesserit podia tornar-se não-funcional, ser mantido apenas por uma questão de nostalgia. A Irmandade não tinha qualquer necessidade de arqueólogos. As Reverendas Madres encarnavam a história.

Lentamente (muito mais devagar do que era habitual), a vista da janela altaneira produziu o seu efeito calmante. Aquilo que os olhos lhe transmitiam, era isso a ordem das Bene Gesserit.

Porém, as Honradas Matres podiam pôr fim a essa ordem num instante. A situação da Irmandade era muito pior do que aquilo que haviam sofrido sob o domínio do Tirano. Muitas das decisões que ela se via forçada a tomar agora eram odiosas. A sua sala de trabalho deixava de ser tão agradável devido ao que nela se passava.

*Dar como perdida a Fortaleza das Bene Gesserit em Palma?*

Essa sugestão constava do relatório matinal de Bellonda que a aguardava na secretária. Odrade afixou nele uma nota com resposta afirmativa. «*Sim.*»

*Dá-la como perdida porque o ataque das Honradas Matres está iminente e não conseguimos defendê-las nem resgatá-las.*

Mil e cem Reverendas Madres, e só as Sortes sabiam quantas acólitas, postulantes e outras, mortas, ou pior do que isso, em resultado dessa única palavra. Sem contar com todas as «*Vidas Comuns*» que existiam na sombra das Bene Gesserit.

O peso dessas decisões produziu em Odrade uma nova espécie de cansaço. Seria um cansaço da alma? Existiria sequer essa coisa da alma? Sentia uma fadiga profunda, inalcançável para a consciência. Exausta, exausta, exausta.

Até Bellonda exibia a tensão, e Bell deleitava-se com a violência. Apenas Tamalane parecia estar acima de tudo, mas Odrade não se deixava enganar. Tam entrara na idade de observação superior que esperava todas as Irmãs que sobrevivessem até lá. A partir daí, nada tinha importância, exceto observações e pareceres. Na sua maioria, não eram sequer proferidos, exceto por meio de expressões fugazes em rostos enrugados. Tamalane já pouco falava, e os seus comentários eram tão raros e concisos que chegavam a ser quase ridículos:

- Compre mais não-naves.
- Avisem a Sheeana.
- Revejam as gravações do Idaho.
- Perguntem à Murbella.

Por vezes, emitia apenas grunhidos, como se temesse que as palavras a traíssem.

E as caçadoras sempre a rondar, a varrer o espaço em busca de qualquer pista quanto à localização daquele planeta, a Casa do Capítulo.

Nos seus pensamentos mais privados, Odrade via as não-naves das Honradas Matres como corsários nos mares infinitos entre as estrelas. Não navegavam sob estandartes negros com caveira e ossos cruzados, mas essa bandeira estava lá, ainda assim. Não havia nelas absolutamente nada de romântico. *Matar e pilhar! Acumular riqueza à custa do sangue dos outros. Esvair essa energia e construir as suas não-naves assassinas por vias lubrificadas com sangue.*

E não viam que se afogariam nesse lubrificante vermelho, caso se mantivessem nesse caminho.

*Deve haver pessoas furiosas, por aí, nessa Dispersão humana onde as Honradas Matres tiveram origem, pessoas que vivem as suas vidas com uma só ideia fixa: Apanhem-nas!*

Era um universo perigoso, onde essas ideias podiam flutuar e circular livremente. As boas civilizações tinham o cuidado de não permitir que tais ideias ganhassem energia, que tivessem a mais pequena hipótese de crescer desde a nascença. E quando surgiam, por acaso ou acidente, eram rapidamente dispersas, pois tinham tendência para ganhar volume.

Era motivo de estupefação para Odrade que as Honradas Matres não o vissem ou, se o viam, o ignorassem.

- Histeria declarada — apelidara-as Tamalane.
- Xenofobia — discordava Bellonda, sempre a corrigir, como se o controlo dos Arquivos lhe desse um melhor domínio da realidade.

Ambas estavam certas, pensou Odrade. As Honradas Matres comportavam-se com histeria. Todos os *outros* eram inimigos. As únicas pessoas em quem pareciam confiar eram os homens que escravizavam para fins sexuais, e mesmo esses apenas em grau limitado. Testando-os constantemente, de acordo com Murbella (*a única Honrada Madre que conseguimos aprisionar*), para confirmar que o domínio sobre os mesmos permanecia firme.

— Às vezes, unicamente por despeito, são capazes de eliminar alguém, como exemplo para os outros.

As palavras eram de Murbella, e forçavam a pergunta: *Estarão a usar-nos para dar o exemplo? «Estão a ver? É isto que acontece a quem ousa opor-se a nós!»*

Murbella dissera:

— Espicaçaram-nas. Uma vez que isso aconteça, não desistirão enquanto não vos tiverem destruído.

*Apanhem as outras!*

Singularmente diretas. *É uma fraqueza da parte delas, se a aproveitarmos da melhor maneira*, pensou Odrade.

*A xenofobia levada a extremos ridículos?*

Muito possivelmente.

Odrade deu um murro na secretária, ciente de que essa ação seria vista e registada por Irmãs que vigiavam constantemente o comportamento da Madre Superiora. Falou em voz alta, para esses olhos-com-omnipresenças e para as Irmãs cães de guarda por detrás dos mesmos.

— Não ficaremos paradas, à espera, em enclaves defensivos! Tornámo-nos tão gordas como a Bellonda (e ela que se rale com isso!), convencidas de termos criado uma sociedade intocável e estruturas estáveis.

Odrade percorreu com o olhar a sala familiar.

— Este lugar é uma das nossas fraquezas!

Ocupou o seu lugar atrás da mesa, e pensou (imagine-se!) em arquitetura e planeamento comunitário. Bem, era um dos direitos de uma Madre Superiora!

As comunidades da Irmandade raramente cresciam ao acaso. Mesmo quando ocupavam estruturas já existentes (como acontecera com a antiga Fortaleza Harkonnen em Gammu), faziam-no com planos de reconstrução. Queriam pneumotubos para enviar pequenos objetos e mensagens. Linhas-ópticas e projetores de raios duros para transmitir palavras encriptadas. Consideravam-se mestres em salvaguardar comu-

nicações. Mensageiras acólitas e Reverendas Madres (comprometidas a autodestruírem-se antes de poderem atraíçoar as suas superiores) levavam as mensagens mais importantes.

Conseguia visualizá-la ali, para além da sua janela, para além daquele planeta — a sua rede, soberbamente organizada e ocupada, cada Bene Gesserit uma extensão das outras. No que dizia respeito à sobrevivência da Irmandade, havia um núcleo intocável de lealdade. Por vezes, havia quem caísse pelo mau caminho, e algumas de forma espetacular (como a Lady Jessica, avó do Tirano), mas nunca caíam mais do que até certo ponto. A maior parte dos transtornos era temporária.

E tudo isso era um padrão das Bene Gesserit. Uma fraqueza.

Odrade admitiu uma concordância de fundo com os temores de Bellonda. *Mas amaldiçoada seja se permitir que tais coisas retirem toda a alegria da vida!* Isso seria ceder precisamente ao que aquelas Honradas Matres furibundas pretendiam.

— O que as caçadoras querem são as nossas forças — disse Odrade, olhando para os olhos-com-no-teto. *Como selvagens de outros tempos a comer os corações dos inimigos. Bem... dar-lhes-emos algo para comer, acreditem! E só tarde de mais se darão conta de que não conseguirão digeri-lo!*

Exceção feita aos ensinamentos preliminares feitos à medida de acólitas e postulantes, a Irmandade não tinha grande tendência para provérbios de teor admonitório, mas Odrade tinha as suas próprias palavras de ordem: «*Alguém tem de arar a terra.*» Sorriu consigo própria enquanto se curvava sobre o trabalho, muito retemperada. Aquela sala, aquela Irmandade, eram o seu jardim, e havia ervas daninhas a remover, sementes a lançar. *E adubo. Não podemos esquecer o adubo.*